



CURSO ONLINE DE TEOLOGIA

HERMENÊUTICA BÍBLICA

História, princípios e ferramentas de estudos para entender melhor a Bíblia.

INSTITUTO DE TEOLOGIA LOGOS

PREPARANDO CRISTÃOS PARA A DEFESA DA FÉ

CURSOS DE TEOLOGIA 100% Á DISTÂNCIA

DISCIPLINA

HERMENÊUTICA BÍBLICA

(Organizado pelo Setor Acadêmico do ITL)

BRASIL, MA

Versão 2021

Pesquisa e Organização do Conteúdo:

Instituto de Teologia Logos, EA

Gráficos, Edição e Finalização:

Instituto de Teologia Logos, EEG

DADOS DE CATALOGAÇÃO INTERNA DA PUBLICAÇÃO – DCIP

CÓDIGO DCIP: 001-017-2021-1

CÓDIGO DISCIPLINA: ITLON17

LOGOS, Instituto de Teologia (ORG). **HERMENÊUTICA BÍBLICA.**

MARANHÃO: PUBLICAÇÕES ITL, 2021. 105 pgs.

Instituto de Teologia Logos – Diretoria de Ensino

Barra do Corda - MA - Brasil - 65950-000

(99) 98433-5387 | institutedeteologialogos@hotmail.com

SUMÁRIO

1 - HERMENÊUTICA – GENERALIDADES	8
1.1. SOBRE A LINGUAGEM DA BÍBLIA	10
1.2. A REGRA FUNDAMENTAL DA INTERPRETAÇÃO BÍBLICA	12
2 - HISTÓRIA DA INTERPRETAÇÃO BÍBLICA	16
2.1. HERMENÊUTICA ENTRE OS JUDEUS	16
2.2. HERMENÊUTICA CRISTÃ	21
2.3. PERÍODO PATRÍSTICO	25
2.4. OS PAIS LATINOS.....	29
2.5. PERÍODO MEDIEVAL	30
2.6. PERÍODO RENASCENTISTA	31
2.7. PERÍODO MODERNO.....	34
2.8. A HERMENÊUTICA PÓS-MODERNA	37
3 - PRINCÍPIOS DE INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA	44
3.1. PRINCÍPIO DA CRENÇA NA AUTORIDADE DAS ESCRITURAS.....	45
3.2. PRINCÍPIO DO SENTIDO USUAL E ORDINÁRIO DAS PALAVRAS.....	45
3.3. PRINCÍPIO DA ANÁLISE À LUZ DO CONTEXTO	48
3.4. PRINCÍPIO DO DESÍGNIO	51
3.5. PRINCÍPIO DAS PASSAGENS PARALELAS	55
3.6. PRINCÍPIO DA ANÁLISE EXPERIENCIAL À LUZ DAS ESCRITURAS	62
4 - FIGURAS DE RETÓRICA	64
4.1. METÁFORA	64
4.2. SINÉDOQUE.....	64
4.3. METONÍMIA.....	65
4.4. PROSOPOPÉIA.....	65
4.5. IRONIA	66
4.6. HIPÉRBOLE.....	66
4.7. ALEGORIA	67
4.8. FÁBULA	68
4.9. ENIGMA	68
4.10. TIPO	68
4.11. SÍMBOLO	69
4.12. PARÁBOLA	70
4.13. SÍMILE.....	71
4.14. INTERROGAÇÃO.....	73
4.15. APÓSTROFE.....	73

4.16.	ANTÍTESE	75
4.17.	CLÍMAX OU GRADAÇÃO	76
4.18.	PROVÉRBO	78
4.19.	ADVERTÊNCIAS	79
4.20.	ACRÓSTICO	80
4.21.	PARADOXO	81
5 -	HEBRAÍSMOS	85
6 -	PARTES BÁSICAS DA HERMENÊUTICA BÍBLICA	91
6.1.	NOEMÁTICA	91
6.2.	HEURÍSTICA.....	99
6.3.	PROFORÍSTICA	100
7 -	DESAFIOS DA HERMENÊUTICA PARA OS NOSSOS DIAS.....	103

APRESENTAÇÃO

Seja bem-vindo(a), caro(a) aluno(a)!

Parabéns pela sua decisão de transformação, pois isso também mostra o quanto você está comprometido em contribuir com a transformação da igreja e da sociedade onde você está inserido.

O Instituto de Teologia Logos estará acompanhando você durante todo este processo, pois “os homens se educam juntos, na transformação do mundo”.

Os materiais produzidos oferecem linguagem simples, completa e de rápida assimilação, contribuindo para o seu desenvolvimento bíblico, teológico e ministerial, para desenvolver competências e habilidades e aplicar os conceitos, fundamentos e prática na sua área ministerial, possibilitando você atuar em favor do Reino de Deus com mais excelência. Nosso objetivo com este material é levar você a aprofundar-se no conteúdo, possibilitar o desenvolvimento da sua autonomia em busca de outros conhecimentos necessários para a sua formação bíblica, teológica e ministerial.

Portanto, nossa distância nesse processo de crescimento e construção do conhecimento deve ser apenas geográfica. Utilize todos os materiais didáticos e recursos pedagógicos que disponibilizamos para você. Acesse regularmente a Área do Aluno, participe no grupo online com o tutor online que se encontra disponível para sanar suas dúvidas e auxiliá-lo(a) em seu processo de aprendizagem, possibilitando-lhe trilhar com tranquilidade e segurança sua trajetória acadêmica.



AULA
01

1 - HERMENÊUTICA – GENERALIDADES

A palavra “Hermenêutica” vem do termo grego “hermeneúo” que significa “interpretar”. A Hermenêutica é a disciplina que ensina as regras para interpretar um livro, um texto, e, nesse caso especial, o texto bíblico. Em uma outra definição, J. Severino Croatto diz que “Hermenêutica é a ciência da compreensão do sentido que o homem traz para sua vida prática interpretando a mesma através da palavra, de um texto ou de outras práticas... Toda ação humana se converte em sinal que precisa ser decodificado; com maior razão se é o próprio Deus quem confere um sentido aos acontecimentos.” Para Paul Ricoeur “A hermenêutica é a teoria das operações de compreensão em sua relação com a interpretação dos textos.”

A Hermenêutica abarca, de forma especial, as regras de interpretação que procedem do estudo das características da linguagem humana em geral e de toda a classe de escritos humanos, tanto profanos quanto sagrados. Toda linguagem humana tem seu próprio gênio e idiosincrasias que não conseguem ser definidos em uma tradução literal para outra língua. São modismos, provérbios, idiotismos, peculiaridades gramaticais, referências a costumes locais, os quais poderiam causar problemas de interpretação para aqueles que procuram entender o significado original que o autor quis comunicar, lendo agora em outro idioma. O problema aumenta com relação aos textos bíblicos, visto que o tempo que nos separa dos escritos originais é grande e só há algumas décadas é que os judeus recuperaram seu idioma a nível nacional com a instalação do novo Estado de Israel. Assim, por muitos séculos o hebraico foi uma língua morta, embora preservada nos círculos rabínicos graças ao desenvolvimento do texto massorético. Isto torna as ferramentas da hermenêutica ainda mais importantes e necessárias. Ainda sobre essa vertente, Paul Ricoeur identificou três necessidades do estudo hermenêutico, salientando assim a sua importância:

- A palavra que em princípio foi “pregada”, “falada” e, desde então, enquadrada em formas conceptuais, se transformou, por sua vez, em letra, texto, o que limita-se agora ao processo de canonização. Os cristãos possuem então não um testamento, mas dois testamentos para interpretar. O desafio agora é o do retorno à “palavra” que está antes do texto.
- Existe uma distância cultural (já abordada acima) entre a época das escrituras e a nossa época. Uma das funções da hermenêutica consiste em vencer essa distância cultural para permitir a manifestação na cultura presente daquilo que foi dito em outra cultura e que não é mais do nosso tempo.

- Depois da influência do Racionalismo e do movimento de crítica bíblica o que ficou do texto bíblico foi um sentido de profano ou de um texto qualquer. Entretanto, para o cristão a Bíblia tem um valor particular e o desafio do pós-modernismo é o de compreender e aplicar aquilo que se constitui em “proclamação” a partir de um texto que teve suas passagens dissecadas através do método crítico.

Acrescente-se a isto o fato de que os dias hodiernos apresentam como característica a proliferação de “teologias” de pouca profundidade, nas quais o texto bíblico deixa de ser o ponto de partida e se torna um mero instrumento de confirmação de idéias preestabelecidas, gerando uma distorção da mensagem do texto pelo desprezo ao contexto. As partes básicas da Hermenêutica (No cap.IV, estudaremos mais detidamente cada uma destas partes) são:

- Noemática (do grego noema, “ pensamento”, “sentido”) – constitui-se no estudo dos diversos significados com que o pensamento bíblico é expresso;
- Heurística (do grego heurisko, “achar”, “encontrar”) – é a parte que estuda as ferramentas que serão utilizadas para o encontro dos diversos significados da escritura;
- Proforística (do latim profero, “tirar”, “apresentar”) – é o modo de expor os significados contidos na Bíblia.

Filosoficamente, a Hermenêutica se desenvolveu a partir de três momentos: A compreensão (subtilitas intelligendi), a interpretação (subtilitas explicandi) e a aplicação (subtilitas applicandi). A expressão “subtilitas” denota que se trata muito mais de um saber fazer (know how) que de um método propriamente, o que demandaria não apenas um conhecimento teórico, mas também uma habilidade especial.

Embora estes três conceitos tenham surgido e se desenvolvido progressivamente, hoje são vistos como complementares, estando claro que os dois primeiros são interativos e interdependentes. De acordo com Gadamer: “A interpretação não é um ato complementar e posterior à compreensão, mas compreender é sempre interpretar e, conseqüentemente, a interpretação é a forma explícita da compreensão”. Embora distinta destes dois elementos, a aplicação é vista hoje como tão imprescindível à Hermenêutica quanto a interpretação e a compreensão. Isto adquire significado ainda maior quando se refere ao estudo das Escrituras onde, muito mais do que um documento a ser dissecado, encontramos uma mensagem a ser transmitida.

É importante também que se faça a distinção entre Hermenêutica e Exegese: Enquanto a primeira é uma ciência que, conforme já foi visto, inclui todo o processo que vai da leitura à aplicação, a exegese consiste na utilização prática de ferramentas da Hermenêutica para o resgate do mundo original do texto. Segundo Croatto, “ ...a exegese

...procura identificar o sentido do texto, perquirindo o que há 'por trás' (autor, tradições, figuras literárias anteriores), enquanto que a hermenêutica soma a compreensão do sentido que está 'adiante' do texto".⁵

A partir de então, deve-se examinar a história da interpretação bíblica a partir dos primórdios do rabinismo. Para tanto, deve-se levar em consideração raízes históricas fundamentais encontradas em Platão e em Heráclito. O primeiro, cerca de 428 AC, em Atenas, partiu do conceito de "Mundo das Idéias", a partir do qual elaborou o conceito de símbolo e mito. Verdades espirituais eram representadas por alegorias, figuras muito utilizadas também no texto sagrado. Heráclito de Éfeso, entre 540 e 480 AC, estabeleceu o conceito de "huponóia" (sentido mais profundo), cujo objetivo inicial era abordar as obras de Homero, fugindo das implicações óbvias de se interpretar literalmente o que ele escreveu acerca dos deuses gregos (A Odisséia; Ilíada). Observa-se então que a preocupação hermenêutica é antiga. Veremos então como essas raízes históricas encontram eco nos caminhos percorridos pelas hermenêuticas judaica e cristã.

1.1. Sobre a Linguagem da Bíblia

Segundo o testemunho da própria Escritura Sagrada, ela foi divinamente inspirada, "útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente habilitado para toda boa obra". Em uma palavra, a Escritura tem por objetivo fazer o homem "sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus" (2 Tim. 3:15, 16).

Por isso esperamos, e esperamos com razão, que a Bíblia fale com simplicidade e clareza.

Efetivamente, lendo, por exemplo, o Novo Testamento, encontramos a cada passo em suas páginas os grandes princípios e deveres cristãos expressos em linguagem simples e clara, evidente e palpável. Em cada página ressalta a espiritualidade e santidade de Deus, ao mesmo tempo que a espiritualidade e o fervor demandam sua adoração. Em todas as partes nos é pintada a queda e corrupção do homem e a conseqüente necessidade de arrependimento e conversão. Em todas as partes é proclamada a remissão do pecado em nome de Cristo e a salvação por seus méritos a vida eterna pela fé em Jesus, e, ao mesmo tempo, a morte eterna pela falta de fé no Salvador. A cada passo aparecem os deveres cristãos em todas as circunstâncias da vida e as promessas de ajuda do Espírito de Deus no combate contra a corrupção e o pecado. Estas verdades brilham como a luz do dia, de sorte que nem o leitor mais superficial e indiferente deixará de vê-las.

Porém, que sucede? O mesmo que em outros livros. No mais simples livro de escola primária, que se ocupa tão-somente de coisas terrenas, encontram-se, por exemplo,

palavras e passagens que o homem não compreende sem estudos. Seria, pois, estranho encontrar palavras e passagens de difícil compreensão nas Escrituras Sagradas, que em linguagem humana tratam de coisas divinas, espirituais e eternas? Se numa província da Espanha se usam figuras ou modos de expressar-se que em outra não se compreendem sem interpretação, seria estranho encontrar tais figuras e expressões nas Escrituras, que foram escritas em países distantes e todos diferentes ao nosso? Se todo o escrito antigo oferece pontos obscuros, acaso seria estranho que os tivesse um livro inspirado por Deus a seus servos em diferentes épocas, faz já centenas e milhares de anos? Nada mais natural que contenham as Escrituras pontos obscuros, palavras e passagens que requerem estudo e cuidadosa interpretação.

Recordemos aqui que unicamente em tais casos de dificuldade, e não quanto ao simples e claro, precisamos dos conselhos da hermenêutica para que resulte frutífero nosso estudo e correta nossa interpretação.

Pois bem; suponhamos que nos vem um documento, testamento ou legado que nos interessa vivamente e que representa uma grande fortuna, porém em cujos detalhes ocorrem algumas palavras e expressões de difícil compreensão. Como e de que maneira faríamos para conseguir o verdadeiro significado de tal documento? Seguramente pediríamos, em primeiro lugar, explicação a seu autor, se isso fosse possível.

Porém se promettesse esclarecer-nos contanto que trabalhássemos, esquadrinhando-o nós mesmos, o mais natural e acertado seria, sem dúvida, ler e reler o documento, tomando suas palavras e frases no sentido usual e comum. Quanto às palavras obscuras buscaríamos, naturalmente, seu significado e aclaração, em primeiro lugar, pelas palavras próximas ou contíguas às obscuras, isto é, pelo conjunto da frase em que ocorrem.

Porém, se ainda ficássemos sem luz, procuraríamos a clareza pelo contexto, quer dizer, pelas frases anteriores e seguintes ao ponto obscuro, ou seja pelo fio ou tecido imediato a narração em que se encontra,

Se não bastasse o contexto, consultaríamos todo o parágrafo ou passagem, fixando-nos no objetivo, intento ou fim a que se dirige a passagem.

E se ainda não obtivéssemos a clareza desejada, buscaríamos luz em outras partes do documento, para ver se haveria parágrafos ou frases semelhantes, porém mais explícitas, que se ocupassem do mesmo assunto que a expressão obscura que nos causa perplexidade.

Em resumo, e de qualquer forma, procederíamos de maneira que o próprio documento fosse seu intérprete, já que, levando-o a este ou àquele advogado, contrariaríamos a vontade do generoso autor e, afinal, correríamos o risco de interessada e pouco escrupulosa interpretação.

Tratando-se da interpretação da Sagrada Escritura, do duplo Testamento de Nosso Senhor, o procedimento indicado, além de ser o mais natural e simples, é o mais acertado o seguro, como a seguir veremos.

1.2. A Regra Fundamental da Interpretação Bíblica

Pelo dito anteriormente, foi-nos possível ver como é apropriado e mais conveniente, que em qualquer documento de importância em que se encontrem pontos obscuros se procure que ele seja seu próprio intérprete. Quanto à Bíblia, o procedimento sugerido não só é conveniente e muito factível, mas absolutamente necessário e indispensável.

O quanto sabemos, o primeiro intérprete da Palavra de Deus foi o diabo, dando à palavra divina um sentido que ela não tinha, falseando astutamente a verdade. Mais tarde, o mesmo inimigo, falseia o sentido da Palavra escrita, truncando-a, isto é, citando a parte que lhe convinha e omitindo a outra.

Os imitadores, conscientes e inconscientes, têm perpetuado este procedimento enganando à humanidade com falsas interpretações das Escrituras. Vítimas, pois, de tais enganos e de tão estupendos erros, que têm resultado em hecatombes e cataclismos, devemos já conhecer o suficiente dessa interpretação particular. E a ninguém deve parecer estranho que insistamos em que a primeira e fundamental regra da correta interpretação bíblica deve ser a já indicada, a saber: A Escritura explicada pela Escritura, ou seja: a Bíblia, sua própria intérprete.

Ignorando ou violando este princípio simples e racional, temos encontrado, como dissemos, aparente apoio nas Escrituras a muitos e funestos erros. Fixando-se em palavras e versículos arrancados de seu conjunto e não permitindo à Escritura explicar-se a si mesma, encontraram os judeus aparente apoio nela para rejeitar a Cristo. Procedendo do mesmo modo, encontram os papistas aparente apoio na Bíblia para o erro do papado e das matanças com ele relacionadas, para não falar da Santa Inquisição e outros erros do mesmo estilo. Atuando assim, acham aparente apoio os espíritas para sua errônea encarnação; os comunistas, para sua repartição dos bens; os incrédulos zombadores, para as contradições; os russelitas para seus erros blasfemos. e, finalmente, os Wilson e Roosevelt, para seu militarismo. Se tivessem a sensatez de permitir h Bíblia que se explicasse a si mesma, evitariam erros funestos.

Graças ao abuso apontado ouvimos dizer que com a Bíblia se prova o que se quer. A má vontade, a incredulidade, a preguiça em seu estudo; o apego a idéias falsas e mundanas, e a ignorância de toda regra de interpretação, provará o que se queira com a Bíblia; porém jamais provará a Bíblia o que os homens tão mal dispostos querem.

Tampouco provará nenhum douto de verdade, nem crentes humildes, qualquer coisa com a Escritura.

Ao contrário, porque o discípulo humilde e douto na Palavra sabe que "a lei do Senhor é perfeita" e que não há erro na Palavra, mas no homem, ele sabe que não se tira e se põe, ou se acrescenta e se suprime impunemente à Palavra, segundo o estilo satânico, porquanto Deus, mediante seu servo, fez constar: "Se alguém lhes fizer qualquer acréscimo, Deus lhe acrescentará os flagelos escritos neste livro; e se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida." Não, certamente a revelação divina, qual Lei perfeita, "é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra"; tal revelação, dissemos, não se presta impunemente a tal abuso.

Em vista de tais afirmativas e destas e outras restrições, é evidente que carece absolutamente de sanção divina a interpretação particular do papismo que concede autoridade superior à Palavra mesma, à interpretação dos "pais" da Igreja docente ou da infalibilidade papal, como carece também de dita sanção a idéia da interpretação individual do protestantismo. "Nenhuma profecia da Escritura provam de particular elucidação", disse Pedro; e Jesus nos exorta a examinar as Escrituras para achar a verdade, e não a interpretar as Escrituras para estabelecer a verdade a nosso arbítrio.

Nada de estranho tem, pois, que nos eminentes escritores da antiguidade encontremos afirmações como estas: As Escrituras são seu melhor intérprete. Compreenderás a Palavra de Deus melhor que de outro modo, comparando uma parte com outra, comparando o espiritual com o espiritual (1 Cor. 2:13). O que equivale a usar a Escritura de tal modo que venha a ser ela seu próprio intérprete.

Se por uma parte, arrancando versículos de seu conjunto e citando frases soltas em apoio de idéias preconcebidas, é possível construir doutrinas chamadas bíblicas, que não são ensinos das Escrituras, mas antes "doutrinas de demônios"; por outra parte, explicando a Escritura pela Escritura, usando a Bíblia como intérprete de si mesma, não só se adquire o verdadeiro sentido das palavras e textos determinados, mas também a certeza de todas as doutrinas cristãs, quanto à fé e à moral. Tenha-se sempre presente que não se pode considerar de todo bíblica uma doutrina antes de resumir e encerrar tudo quanto a Escritura diz da mesma. Um dever tampouco é de todo bíblico se não abarca e resume todos os ensinos, prescrições e reservas que contam a Palavra de Deus em relação ao mesmo. Aqui cabe bem a lei: "Não se pronuncia sentença antes de haver ouvido as partes." Porém cometem o delito de falhar antes de haver examinado as partes todos aqueles que estabelecem doutrinas sobre palavras ou versículos extraídos do conjunto,

sem permitir à Escritura explicar-se a si mesma. Igual falta cometem os que do mesmo modo procedem e falam de contradições e ensinios imorais.

Por conseguinte, é de suma necessidade observar a referida regra das regras, a saber: A Bíblia é seu próprio intérprete, se não quisermos incorrer em erros e atrair sobre nós a maldição que a própria Escritura pronuncia contra os falsificadores da Palavra. Dissemos "regra das regras", porque desta, que é fundamental, se desprendem outras várias que, como veremos, dela nascem naturalmente.



AULA
02

2 - HISTÓRIA DA INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

2.1. Hermenêutica Entre os Judeus

Provavelmente, um dos primeiros empreendimentos do uso da Hermenêutica entre os judeus venha da época de Esdras, conforme lido em Ne.8:1-8, onde consta uma menção especial à leitura da Torah nunca dantes vista entre os judeus. Deve-se levar em consideração que a extrema preocupação com a leitura da Torah deu-se após ou a partir do exílio babilônico, por conta do sentimento de culpa nutrido pelos movimentos deuteronomista e sacerdotal, levando assim à mente da comunidade que o exílio era o castigo de Javé ao povo desobediente à sua Palavra. A idéia de reunir pessoas em grupos nesse período culminou mais tarde no projeto de sinagoga judaica (Ez.3:15;8:1;14:1;20:1).

Júlio Trebolle Barrera levanta alguns fatores que contribuíram para o nascimento e desenvolvimento da interpretação bíblica no judaísmo a partir das épocas persa e helenística⁶. Em primeiro lugar ressalta que o desenvolvimento do cânon hebraico (Tanach) exigiu que os escritos mais tardios (literaturas sapiencial, apocalíptica e apócrifa) representassem uma espécie de interpretação e de reescritura de textos e tradições de épocas anteriores. Aliás, isso já era uma prática dentro do próprio texto canônico (comparar o Decálogo em Ex.20, Dt.5 e Jr.17:21-22; ver também a promessa incondicional a Davi que o seu reino será eterno em II Sm.7:12-16 e I Rs.2:1-9, verificando-se como diferencial o cumprimento da Torah). Em segundo lugar, para manter vigentes as leis e instituições do povo judeu e para manter a própria identidade e esperança nas difíceis situações de cada época, era necessária uma releitura e uma nova compreensão dos velhos textos legais e das tradições históricas de Israel. Por fim, a necessidade de traduzir os textos sagrados hebraicos para a língua aramaica falada na Palestina e na diáspora judaica oriental e também para o grego, falado por muitos judeus na diáspora ocidental, obrigava a um grande esforço de interpretação ou de atualização dos textos hebraicos.

Continuando nesse processo histórico, no século III AC aparece a Septuaginta (LXX), primeira tradução escrita do AT, que tem sido também considerada uma obra de caráter interpretativo do mesmo. Justamente por conta desse aspecto tem sido objeto de diversas críticas, sendo que as mais freqüentes apontam para a helenização do texto hebraico. Barrera aponta a tradução de Gn.1:2 “deserto e vazio”, helenizado para “invisível e desorganizado”.

Já Hans W.Wolff, em sua Antropologia do AT, aponta que a LXX descaracterizou o sentido de alguns termos designadores da antropologia judaica tais como “Nepesh”

PARABÉNS!!!

VOCÊ ACABOU DE LER O NOSSO CONTEÚDO!

Esta apostila é exclusiva para os alunos do Instituto de Teologia Logos... Se você ainda não está estudando conosco, nós estamos lhe oferecendo uma oportunidade de fazer sua inscrição com um excelente desconto e alguns bônus especiais.

Você só precisa clicar no link abaixo (ou copiar em seu navegador) para acessar nosso site e conhecer os cursos que estão disponíveis hoje!

:: CURSOS DE TEOLOGIA ::

www.institutodeteologialogos.com.br/cursos-de-teologia

:: BLOG DE TEOLOGIA ::

www.institutodeteologialogos.com.br/blog-de-teologia